

**FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ  
CASA DE OSWALDO CRUZ**

***JOÃO FRANCISCO DOS SANTOS***  
**(Entrevista)**

## Ficha Técnica

Projeto de pesquisa - História e memória das comunidades de Manguinhos

Entrevistado - João Francisco dos Santos (JS)

Entrevistadores – Fábio Souza (FS), Michele Soares (MS) e Gleide Guimarães (GG)

Data – 14/12/2004

Local – Rio de Janeiro/RJ

Duração –54min

A citação de trechos da transcrição deve ser textual com indicação de fonte conforme abaixo:

SANTOS, João Francisco dos. *João Francisco dos Santos. Entrevista de história oral concedida ao projeto História e memória das comunidades de Manguinhos*, 2004. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/COC, 2021. 35p.

Data: 14/12/2004

### Fita 1 - Lado A

FS – Entrevista com o sr. João Francisco dos Santos, no dia 14 do 12 de 2004, para o Projeto História e Memória das Comunidades de Manguinhos. Local: Nelson Mandela. [estavam presentes Fábio Souza, Michele Soares e Gleide Guimarães] Sr. João, a gente veio aqui bater papo com o senhor para conhecer um pouco da história dessa comunidade, já que o senhor mora aqui há muito tempo. O que o senhor pode começar dizendo pra gente sobre a história daqui, dessa comunidade?

JS – Quem, eu? Eu só sei responder se perguntar alguma coisa, né?

FS – É?

JS – É (*risos*).

GG – Então, olha só, nós podemos começar assim, andando um pouco pra trás no tempo. O senhor veio de que parte de Manguinhos?

JS – Eu vim do... da área de risco, né?

GG – É?

JS – É.

GG – Que... qual a rua em que o senhor morava, lá?

JS – Na Rua Miranda, 28.

GG – A Rua Miranda? Sei. E... como foi que o senhor tomou conhecimento de que estava numa área de risco?

JS – É porque tinha ‘uns’ pessoal que ‘fizeram’... ‘fizeram’ cadastramento lá, e passaram por lá, né? O Haroldo, a esposa do... o esposo da... da Zuleica. Foi por intermédio dele que a gente ‘caminhou’ pra aqui.

GG – Sei. E o senhor participou de alguma reunião antes de... de chegar aqui?

JS – Participei, eu, o falecido Artur, a Célia, né...

GG – Célia.

JS - ... Célia... Ainda ‘fomo’ lá no... lá embaixo, na... na Cinelândia, né, mas foi pouquinho gente. E lá foi que... foi sorteado lá no Manguinhos pra gente vir pra aqui.

GG – Eu sei. E aí, quer dizer então que o senhor é... tomou conhecimento que ‘tava’ na área de risco quando morava na Rua Miranda?

JS – Isso.

GG – Qual era o risco que o senhor... O senhor percebia qual era a situação que ‘tava’ morando, qual era o risco...

JS – Era enchente, né, era enchente. E o Rio Faria-Timbó entupia, jogava tudo pra cá. E eu creio que agora não tem mais, né?

GG – O senhor sofreu muitas enchentes lá no (Inaudível)?

JS – É, umas 4 ‘enchente’.

GG – E como foi pra o senhor sair da Rua Miranda? Era casa ou era barraco que o senhor tinha lá?

JS – Era casa.

GG – Era casa.

JS – Barraco quando ficava era de madeira, né, mas lá era telha Brasilit, tijolo, quarto, sala, cozinha, banheiro, e aqui eu ganhei só dali pra lá, só... embaixo, né, que aqui já foi construído.

GG – E como é que foi pra o senhor essa mudança? Porque eu sei de famílias que estavam em casas mesmo, até de 2-3 andares, e quando vieram aqui ver as casas, elas não gostaram porque era um projeto embrião, uma casa pequena, né, no original, e que teria que construir. Qual foi a impressão que o senhor teve quando chegou aqui e viu as casas? O senhor viu as casas antes de construir?

JS – Vi. Achei pequena, mas ia fazer o quê, né? Aí, depois de um ano, de um ano depois, eu... eu comecei a construir aqui na frente, embaixo. Aí, eu... Na época, a Prefeitura não... não autorizou: não podia trocar, não podia vender, não podia construir, não podia nada. Então, eu, conversando com um engenheiro da Prefeitura, aí eu ganhei todas as ‘questão’ dele, né? Não podia construir, não podia trocar, não podia vender, não podia fazer nada. Aí eu falei... eu fui e falei pra ele: “Ó, o problema é o seguinte, ninguém é obrigado a viver em lugar que não gosta. Porque teve gente aqui que passou 3 dias aqui e foi embora, vendeu, passou pra outro, entendeu?” Aí foi quando ele fez a... fez um...

GG – Uma autorização?

JS – É, fez uma autorização via, e eu saí de casa em casa falando com o pessoal, né, quem podia, quem não podia construir, e aquele que quisesse construir tinha que assinar o termo de responsabilidade.

GG – Ah, sim. Mas quando nós viemos pra cá nós recebemos um... um documento, uma apostila, dizendo como poderia ser construído.

JS – Não, isso aí quem distribuiu ‘foi’ eu.

GG – Eu lembro.

JS – Eu ainda tenho aí!

GG – Tem?

JS – Tenho.

GG – Que bom. É, o Reinaldo recebeu uma cópia, é... uma apostila que (Inaudível)...

JS – É, ensinando como é que tinha que fazer porque não podia ter mais do que uma laje, né? Eu tenho tudinho aí, se o senhor quiser eu vou lá buscar.

GG – Não, já tem, a gente pega esse documento.

JS – É, mas aí já tem casa com 5 ‘andar’, pô!

FS – Ah, é?

JS – Sendo de uma época que muita gente assinou o termo de responsabilidade. Eu digo: “Bom, se você quiser construir, construa, mas o que houver é por conta do morador.”

GG – É porque havia uma orientação de como construir.

JS – É.

GG – É, porque o morador de comunidade, ele... ele inventa o seu jeito, ele faz do seu jeito.

JS – (Inaudível).

GG – Me parece que a casa do sr. João, eu não tenho certeza, o senhor pode me desmentir se não for, mas parece que a sua casa foi a 1ª casa a ser construída dentro dos padrões desse manual, dessa orientação, não foi?

JS – Foi a primeira.

GG – Foi... foi supervisionada por um engenheiro, José Ricardo, né?

JS – É, o José Ricardo, mas ele não autorizou nada, não, eu fiz por minha conta.

GG – Mas seguiu aquela orientação?

JS – Aí é que foi depois aquela orientação, depois que ele trouxe aquela orientação. Aí eu saí distribuindo pra todo mundo aí porque, na época, eu... eu fui administrador disso aqui, lembra?

GG – Lembro, o senhor estava no GEIAM, né, que a gente não conseguia (Inaudível)...

JS – É.

GG - ... queria dizer GEIAM.

JS – Eu trabalhei no mutirão da Prefeitura fazendo ‘obra’ das ‘creche’, né, creche, casa comunitária, casa de... de... desse negócio de... negócio de menor, criança menor, né?

GG – Criança.

JS – É. Aí, foi isso aí que eu... que eu participei.

FS – GEIAM. GEIAM a gente não conseguiu saber o que era.

GG – O senhor tem algum... algum papel do GEIAM, alguma... algum documento do GEIAM? Que eu lembro que o senhor trabalhou com o José Ricardo, com a...

JS - ... Marlene...

GG - ... Marlene, Ulysses...

JS - ... Ulysses...

GG - ... o Elói...

JS - ... Elói...

GG - ... a Maria do Carmo...

JS - ... Maria do Carmo...

GG – Quem mais trabalhava lá? Eu acho que era essa equipe mesmo, né?

JS – A... aquela menina que mora no Pinheiro.

GG – Ah, sei, uma que morava lá atrás, eu sei quem é. Não lembro o nome dela, mas eu sei de quem é que o senhor está falando.

JS – É, é.

GG – A gente... Eu me lembro mais ou menos da estrutura do GEIAM, mas não lembro o que queria dizer.

JS – Mas nós não... nós não tínhamos documento nenhum sobre isso, não.

GG – Não, eu queria lembrar, que... que alguém tivesse alguma coisa escrita GEIAM porque eu não me lembro o que queria dizer. Eu perguntei pra o Elói, ele também teve dúvida. Parece que é Grupo Executivo de Implantação dos Amigos de Manguinhos, uma coisa assim. Eu me lembro o que ele... qual era o objetivo do GEIAM, (Inaudível).

JS – Mas ele mesmo ficou em dúvida?

GG - ... era produzir a estrutura que fixasse o morador aqui porque foi feito um estudo de que os moradores eram removidos de um lado pra outro e voltavam, não se fixavam no local. Então, o GEIAM, ele veio com essa intenção, de dar estrutura para que o morador ficasse aqui.

FS – Era isso que o senhor fazia, então?

JS – Foi isso que foi feito, essa... essa estrutura, foi essa planta, né?

GG – É.

JS – Só foi isso, só, não teve papel nenhum que eles entregassem, não.

GG – Será que nessa planta tem esse nome, GEIAM? Será que (Inaudível)?

JS – Eu acho que não tem, não, posso ver. Quer ver?

GG – Depois, depois, depois a gente dá uma olhadinha...

FS – Depois a gente vê.

GG - ... *(falam ao mesmo tempo)*...

JS – Tem daqui e tem do outro, o outro conjunto. Esse aqui é Conjunto Habitacional Nelson Mandela. O outro é Conjunto Habitacional...

GG - ... Samora Machel.

JS – Hum?

GG – Samora Machel.

JS – Samora Machel, exatamente. Aí eu mandava aqui, eu ordenava aqui e lá, mas... que aqui era mais, né?

GG – É, aqui são... eram 884 casas, lá eram 444.

JS – Era... e era 783, uma coisa assim.

GG – 444, depois aumentaram.

JS – Aumentaram um pouco. É, depois teve invasão por aí, a beira do rio, porque na minha época não construía nada na beira do rio, era tudo dragado, tudo limpinho, não criava boi, não criava cavalo, não criava porco, não criava nada. Depois que eu saí, aí bagunçaram, começaram a bagunçar. Eu não vou... não tenho peito de aço pra tá botando banca aí na... na área, né? Não, todo mundo tem o direito de fazer aquilo que gosta, o que pode, né? Eu? Quem sou eu pra... (*risos*) pra dar ordem em alguma coisa?

FS – Que época que foi isso, que o senhor recebeu essas casas?

JS – Isso foi em... 92, né, do...

GG – 90, 90, 92, (Inaudível).

JS – 90... é, 90, é. *Vai dizer...* (Inaudível) ca... então aqui a realidade... ‘entro ‘pra 16, né?

GG – 15, vai fazer 16 agora.

JS – Vai fazer 16 dia 10, né, fez agora, né?

GG – 10 de abril.

JS – 10 de abril, exatamente.

GG – É, 10 de abril.

JS – É.

GG – Porque a inauguração foi dia 9.

JS – Foi dia 9, e o pessoal ‘vieram’ dia 10.

GG – Dia 10.



JS – A remoção, quem... quem... um foi a Prefeitura que fez. Eu mesmo fiz a minha, que o meu filho trouxe pra cá, na Kombi, né, pra cá.

FS – Eu andei aqui, já, com... com a Isabel, e a gente viu um monte de casas aí com até 5 andares, como o senhor comentou. E eles tinham que assinar esse termo de compromisso, como o senhor comentou...

JS – É, mas, nessa época, eu parei, por aí, né?

FS – É, o senhor parou de trabalhar?

JS – Aham.

FS – E quer dizer que essas casas não têm... elas não têm alicerce, não têm nada que segure elas? Elas estão por conta e risco do... dos construtores?

JS – É, porque... quando eu parei não tinha nada disso, antes, né? Mas, depois que eu parei, que eu dei... dei baixa lá no... na Prefeitura... Porque a idéia era a do mutirão. Depois, acabou o mutirão, acabou o meu trabalho, entendeu? Daí começou o pessoal fazendo tudo por conta deles ‘mesmo’, ‘inté’ um moço aqui da Rua 7, aqui da... no 31, acidentou-se. Você lembra do Pedro? Eu passei por ele, ele ‘tava’ botando laje lá. Eu falei: “Pedro, cuidado aí, ó, o fio de alta-tensão passa aí, ó. Se, por ventura, você esbarrar com um ferro desse aí no fio, você pode se dar mal.” Quando foi no outro dia, ele tá amarrando a laje, levou o (inaudível): buf! Aí caiu lá embaixo, pegando fogo, né? Aí disse: “Puxa vida, bem que... bem que o coroa falou.” Digo: “Não, porque eu conheço a área toda, né, eu conheço tudo, né? Por isso que botaram eu como administrador.” Mas mesmo assim ele não parou, não, no outro dia ele botou a laje. Ele no hospital, no CTI, ele passou vinte e poucos ‘dia’ no CTI... Aí vieram uns ‘irmão’, uns ‘parente’ dele, botaram a laje. Mas esse aí assinou, a parte que botou a 1ª laje, né? Já vai na 4ª laje, na 3ª laje, né? Primeira, segunda, terceira, quarta laje já. Aí é por conta deles, né? E o resto ‘tudo’ aí é por conta deles aí.

GG – É que esse terreno, ele foi muito aterrado. O senhor só acompanhou, mas (Inaudível)...

JS – Eu lembro disso aqui, isso aqui era maré.

GG – E muito aterro de lixo. E eles fizeram uma fundação Radie, né, era...

JS – Não tem... não tem fundação, fizeram uma laje...

GG – Isso.

FS – é uma manta...

JS - ... com radie só, pra duas ‘casa’, né?

GG – É, para fazer só duas, dois pavimentos. Tem o modelo original que é... que era a sede do GEIAM e que agora é um CEMASI...

FS – É, nós passamos lá, não foi, (Inaudível)?

GG - ... aqui, na Rua 6. Tem o modelo original, a gente pode (Inaudível).

JS – A casa... as ‘casa’ ‘era’ pra ser daquele jeito.

GG – Daquele jeito.

FS – É meia-água, né?

JS – Não, é uma... ali só... ali eram duas ‘casa’, ali...

GG – Porque, na verdade, isso aqui... ali era pra ser assim, como está lá.

JS – Que ali ‘era’ duas ‘casa’, ‘era’ duas ‘casa’.

GG – Era... era uma casa inteira, sendo que uma... uma casa assim, pra essa rua...

FS - ... com uma divisão no meio.

GG - ... outra casa pra outra rua. Eles pegaram uma casa inteira e partiram no meio, aí nos ficamos com meia-água.

JS – É.

GG - Mas o trabalho que o sr. João fazia era o trabalho de estar orientando o morador quanto a esse perigo. Aí o que é que o morador fazia? Fazia a fundação, e aí botava quantas lajes quisesse.

JS – É que essa... essa laje, da 1ª laje de baixo, não é nem pra furar, é pra construir dali pra cima e botar só outra laje, o telhado daqui passar pra cima, só. Mas até que eu só orientei, né, eu botei duas, né, botei essa, botei essa, aí acabou. Aí fiz um quarto lá nos ‘fundo’, e aqui eu fiz uma coberturazinha de alumínio. Eu mesmo que fiz, né? Também metidinho a... (risos) a mestre de obra, né? Eu mesmo fiz, isso tudo ‘foi’ eu que fiz, ó, que eu fiz isso aqui pra minha filha, né? Ela foi embora, aí: “Pai, isso aí toma conta o senhor.” Aí eu tomei conta disso aqui.

GG – Mas o... esse *engenheiro*, ele trabalhava nessa parte de estrutura, o Sr. João era administrador. Ulysses vinha com uma proposta de curso profissionalizante e encaminhamento pra emprego. A Marlene era a assistente social que coordenava todo o trabalho. O Elói também trabalhava (Inaudível)...

JS – O Elói era... era também representante, como se fosse encarregado geral, né?

GG – É.

JS – Eu era segundo, eu era segundo encarregado.

FS – (Inaudível)?

GG – Ele também... ele também fazia o trabalho de estar... O Elói trouxe uma proposta que eu achei interessante na época, era montar uma equipe com José... José Ricardo, montar uma equipe de trabalho que... pra fazer esse... esse... a manutenção, né, a orientação do morador aqui para que ele não tivesse que fazer uma construção irregular, trabalhando no sentido de evitar essas construções – o senhor falou – na beira do rio, chiqueiro, e tal, por conta de um projeto original que esse conjunto... que tinha como proposta pra esse conjunto, e também gerando emprego. E o Elói e o José Ricardo eles pensaram: ao invés de pegar o pessoal que já está no mercado de trabalho, pegar senhores já... que não teriam facilidade em entrar no mercado de trabalho pra poder montar essa equipe de manutenção de creches, escolas, CRIAN's, apa... é... equipamentos sociais da prefeitura.

JS – Eu, por exemplo, eu entrei como voluntário, o título é voluntário, né?

GG – É. O Júnior também, meu filho também participou dessa equipe...

JS – Agora eu (Inaudível)...

GG - ... (Inaudível) 17 anos. Eu conversei com o Elói, quer dizer, ele fez um... ele abriu uma exceção porque ele 'tava' pegando somente senhores acima de... de 40-50 anos pra poder fazer esse trabalho, pra dar essa oportunidade de trabalho a essa... a essa mão-de-obra ociosa que... para quem o mercado se fechou, né?

FS – E essas casas, além da estrutura delas ser pequena, já vinha com... com a rede elétrica, com... com esgoto, água, tudo direitinho?

JS – Quando a gente recebeu?

FS – É.

JS – Foi.

FS - Vinha com tudo?

JS – Mas a gente recebeu só aquela pequenininha, era o banheiro e um cômodo bom, né? A gente dividia com um 'guarda-vestido', né? (*risos*).

GG – É.

JS - Aí, pô, aí eu digo: “Não, pô, eu... eu vou ficar por aqui mesmo, vou ter... Tem esse terreno aqui, vazio. Eu vou construir.” Aí quando foi... A primeira a construir né dona?

GG – Foi.

JS – Primeiro a construir foi eu. Aí o.... construiu até com uns lugares aqui com os vizinho. Mas os vizinho não subiu não, só fez só o puxadinho, e eu botei o telhado. A minha já fica uma basezinha, já, pra 2º andar, né? Aí teve outro encarregado que apareceu aí, o... esqueci o nome dele... Tomás, né?

GG – Tomás.

JS – Tomás, né?

GG – É.

JS – Aí o Tomás olhou: “Pô, sr. João, quem mandou construir isso aí?” Eu digo: “Ninguém, eu mesmo.” “Mas o senhor não pode... O senhor não sabe que...?” Ele não sabia que eu era também encarregado, não, né? “Mas o senhor não tá sabendo que não pode construir, não pode trocar, não pode vender, não pode fazer nada?” Eu digo: “Eu não sei disso, não, sei que eu tô fazendo.” Aí o Zé Ney ‘tava’ já meio... tomando um negócio: “Ah, manda esse ‘negão’ aí rodar, plantar coquinho. ‘Vamo’ fazer nosso trabalho.” Aí foi embora. Aí ele falou com o José Ricardo, o José Ricardo veio falar comigo. Aí eu fui, aí é que eu comecei a debater com o José Ricardo, né? Ricardo disse que eu não podia construir porque tinha casa... dava até pra fazer um jardimzinho, né, não podia construir porque não sei o que, ba, ba, ba, ta, ta, ta, aí eu fui combatendo, combatendo na... na diplomacia, aí ganhei, né? Aí ele me chamou até de João Sabonete: “Pô, tu ‘é’ um sabonete danado! Tudo que tu ‘quer’ tu ‘consegue!’” Digo: “Não, porque é o seguinte: você conheceu a minha casa do outro lado?” “Não. Como é que era a tua casa do outro lado?” Eu digo: “A minha casa do outro lado era: quarto, sala, cozinha, banheiro, e ainda tinha mais uma varandinha.” Você não lembra, não? É. Aí eu: “Aqui só ganhei um cômodo, então, tem esse terreno aqui pra fazer, eu vou aproveitar, pô! A minha família é grande!” na época, né? Na época a família era grande. Aí eu digo: “Vou fazer.” Mas cada um foi procurando seu destino, aí ficou só eu e a mulher, e... e a Fabiana, o Quequé... O Fábio já ‘tava’ se mudando pra Niterói. E por aí foi... Aí foi que veio essa ordenzinha de... de... dos ‘papelzinho’ pra assinar o termo de responsabilidade. Aí eu fui... falando com todo mundo que ‘tava’ construindo. Eu batia na porta e fazia a fichinha. O pessoal assinava, né? Daí começaram a construir, começaram a construir, aí eu combati também negócio da... da casa da esquina. Combati também que podia trocar ou vender porque ninguém é obrigado a viver num lugar que não gosta, né? E tudo eu ganhei, né? Aí ele falou: “Ah, não adianta tu ‘discutir’ não, não adianta você discutir.” Digo: “Ô, rapaz...” Isso vai ser apresentado em algum lugar, essa gravação?

FS – Não, vai ficar só com o nosso projeto.

GG – Não se preocupa não....

JS – É, porque às vezes tem coisa que a gente vai falar e não pode, né?

GG – Não, não se preocupa, não.

FS – Não se preocupe.

JS – Mas porque eu falei: “Vem cá, você é engenheiro, tu ‘tem’ que pôr casa lá.” Eu sei até onde é a casa dele, lá pra baixo. “Tu ‘tem’ peito de aço pra ‘ta’ discutindo com favelado?” Eu passo, outropassa, dois ‘passa’, mas tem sempre alguns que... Porque eu já vim da Mangueira, né? Deixaram um... um carro lá todo ‘furacado’ de bala, né? Porque o cara arrematou o morro, comprou o morro. Aí, o pessoal disse: “Pô, como é que pode o cara arrematar...” No tempo do Lacerda, né? Mas o cara arrematou o morro, tal, não sei o quê... Aí começaram a tirar gente, começaram a tirar gente, coisa e tal, o que é que aconteceu? O cara que arrematou, ele era dono de um armazém de café lá no cais do porto, português. Além disso o cara nem... nem era brasileiro, já era estrangeiro. Aí caíram na pele dele, (Inaudível) lá, meteram fogo no carro dele. Eu disse: “Aí, tá vendo? É isso que acontece. O senhor quer que aconteça isso com o senhor, Seu José Ricardo?” Ele falou: “Não, assim não pode, né?” Eu digo: “Então, abre ala, deixa o pessoal fazer o que pode porque ninguém é obrigado a morar em lugar que não gosta.” E outro... (Inaudível) tinha as suas ‘casinha’ boa, no caso o Roberto, tinha casa 1º e 2º andar, lá no Manguinhos, ficou chorando aí porque recebeu um cômodo! Os ‘móvel’ dele se ‘acabou’ ‘tudo’, ‘estragou’ ‘tudo’, e ele ficou até meio desorientado... Eu digo: “Tá vendo? É isso aí, ó.” De frente à CEMASI, né? Eu digo: “O caso é esse aí, ó.”

GG – É porque essa orientação de não poder vender, construir e tal, era... era por um tempo, até que se percebesse que o morador está implantado. Porque nós recebemos as chaves, logo depois o sr. João distribuiu esse manual, né, dizendo como construir. Quer dizer, quando nós viemos pra cá a gente sabia que ia ter um espaço para construir, mas a equipe veio dando uma segurada pra evitar exatamente esse trânsito...

JS – Tipo invasão.

GG – É.

FS – O pessoal poderia pegar essas casas e vender também, né, essas...

GG – É, (Inaudível)...

JS – Porque logo... Depois veio uma reunião aí, com a Marlene, que a gente ia pagar 10% sobre o salário, isso aqui. Tá lembrada?

GG – Lembro.

JS – Mas aí uns... ‘começou’ a pagar, todo mundo. Mas depois o pessoal: “Até eu peguei a minha casa, ainda vou pagar pra morar aqui? Não vou pagar mais nada, não.” Aí não paga nem água e nem casa.

GG – É, porque, quando foi negociada, aquela equipe que o senhor falou, do sr. Artur, Célia, tal, eu também participei dessa equipe, foi negociada a verba a fundo perdido. Então, quando nós viemos pra cá, a gente sabia (Inaudível)...

JS – É, tinha uns que ‘sabia’, eu, a Célia, a senhora, ‘tudo’ ‘sabia’, mas ‘muito’ não ‘sabia’ que isso aqui foi confiado pelo fundo perdido, né, fundo perdido, foi construído. Isso aqui foi negociado, essa área aqui.

GG – Aí quem não sabia se apavorou. E teve muita gente que trocou antes de vir pra cá, com medo de ter que pagar. Porque uma coisa é sua casa, seu barraco lá, e “eu não pago casa”, outra coisa é “isso aqui não, lá tem que pagar.” Tem gente que se apavorou e abriu mão.

JS – Porque muitos até que ‘podia’ pagar, no caso. Não ‘era’ 10 reais por mês, 10 reais por mês sobre o salário? Se você ganhasse dois ‘salário’ pagaria 20, pagava... sabe como é, 10 cada salário mínimo. Aí o pessoal se ‘invocaram’, disse: “Pô, perdi minha casa lá pra ganhar um cômodo aqui e ainda vou ter que pagar?” Aí ‘se ‘revoltaram’ todo mundo, não pagou mais, não, parou.

GG – E também não cobraram mais, né?

JS – Não.

GG – Nunca mais (Inaudível).

JS – Veio carta pra caramba! Eu botei malas e mais malas de carta na rua, fora, aqui, no CEMASI. Foi chamar aí “Associação”, né, (risos) mas nunca foi Associação. Aí era um ponto estratégico da Prefeitura, um posto avançado da Prefeitura. Agora é CEMASI. Eu participei até do... do... do negócio do... 3ª idade, aí.

FS – (Inaudível). Foi o programa de... pra 3ª idade?

JS – Nós não ‘tem’... nós não temos papel por escrito, mas ‘participamo’ aí da... da... 3ª idade.

FS – (Inaudível), antes da chegada do senhor aqui?

JS – É, como assim, como era o local lá?

GG - É, o senhor veio do CHP2, né, Rua Miranda é no CHP2, né?

JS – É.

GG – E como era... Quando o senhor veio pra o CHP2, o senhor estava da Mangueira pra cá, pra o CHP2?

JS – Não, não, não, Manguinhos eu comprei. Eu morava em Niterói. Eu fui de Mangueira pra Niterói, de Niterói vim aqui, comprei a casa ali.

GG – É?

JS – Foi.

GG – E como é que era... aquele pedaço que o senhor comprou, lá, da Rua Miranda, como é que era aquilo?

JS – A segunda vez, né, que eu vendi... Quando eu peguei... quando eu comprei a casa, era 2 ‘quarto’, sala, cozinha, banheiro e uma varanda, e um quintalzinho, né?

GG – A casa pronta?

JS – É.

GG – O senhor morava numa casa já pronta?

JS – Já pronta, que era feita até de planta, de cimento.

GG – Ah, sim, essas casas originais do CHP2?

JS – É.

GG – Eu sei onde...

JS – Aí, depois eu vendi, fui pra o Norte. Aí passei 2 ‘mês’ no Norte, a minha mulher até veio mais rápido do que eu, né, eu fiquei ainda lá. Aí eu vendi lá no Norte, aí voltei pra cá. Quase que eu compro a mesma casa, só não comprei porque a mulher não... não (Inaudível), né, não sabia que eu ia voltar, ou... ou queria comprar outra casa. Aí eu comprei a casa de seu Neco, seu Neco, aqui. A casa dele era comprida, aí dividiu ao meio, eu comprei a metade. Ele ficou com uma metade, eu com a outra, sendo que a minha metade tinha um quarto, sala, cozinha, banheiro e uma... uma arezinha. Foi isso que eu falei com o José Ricardo, quando eu morava lá a minha casa era bem maior do que aqui. Aqui eu ganhei um quarto e ‘dividiu’ com um ‘guarda-vestido’.

GG – Em que ano foi isso, que o senhor veio de volta pra Manguinhos?

JS – 91, né?

GG – Ah, então foi... foi logo... quer dizer, o senhor não ficou nem muito tempo lá, já veio logo pra cá?

JS – Não, eu morei uns 5 ‘ano’ lá, depois vendi e voltei. Quando eu voltei foi que veio o cadastramento pra vir pra aqui.

GG – Ah, então, quando o senhor chegou pela segunda vez já foi em cima das negociações...

JS – É, eu vim pra aqui em 85, 85, lá pra o Manguinhos. Aí passei 5 ‘ano’, vendi. Fui pra o Norte, voltei pra mesma Rua Miranda, sendo que o número já era outro. Não tinha nem número lá.

GG – Já não era nas casas? (Inaudível)...

JS – Já era casa, mas já era... não era...

GG - Nas prontas, não?

JS – Não. Essas ‘casa’ que a gente comprou ainda foi no tempo do Lacerda, né, no tempo do... Como era outro governador que teve aí? Porque o Lacerda fez de madeira, né, 4 ‘aba’, né, quarto, sala, cozinha, banheiro...

FS – 85?

JS – É, antes.

FS – Antes de 85?

JS – Antes.

GG – Aí ele tá tentando lembrar quando elas foram construídas...

FS – Ah, (Inaudível).

GG - ... pelo que ele conhece, mas ele, quando veio, já encontrou pronta, (Inaudível).

JS – É.

FS – Era de madeira?

JS – Não, quando eu vim já...

FS – Já estava com as placas...

JS - ... já ‘tava’ já 2 ‘quarto’, sala, cozinha e banheiro, mas era de placa.

GG – Pré-moldada.



JS – Pré-moldada, é.

GG – Sr. João, e a sua vizinhança aqui da rua? Essa vizinhança que veio também de lá – o senhor já citou seu Neco – veio também da Rua Miranda?

JS – ‘Tudo’.

GG – Vieram de lá?

JS – Da... da Rua Miranda ‘veio’ eu, veio dona... veio aquela velhinha que morreu, dona... dona... coisa, seu Neco, veio... O pessoal dali quase todo veio da rua Miranda...

GG – (Inaudível).

JS - ... o resto veio tudo dos ‘fundo’, dona Olímpia, o... aquele pessoal... o pessoal lá do... da área lá do coisa. Demoliram tudo. Pode ir lá que construíram tudinho de novo.

GG – Eu sei, eu me perdi lá a semana passada.

JS – (*risos*) É. Mas é tudo ali daquela área, da Rua Miranda pra dentro do... da vala, né? Era... era... tal o negócio, que era beira de rio mesmo. Da Rua Miranda mesmo veio pouca gente, sim, porque foi gente da Rua Miranda. Da Rua Miranda ‘veio’ eu, seu Neco, que já morava do lado da vala, né? Quem morava do lado da 1ª casa que eu comprei saiu só a avó dela, né, da família dessa menina aí, e dona... aquela velhinha que morreu, Chicão, o “Baixinho”, né? Aí já foi da vala pra lá, aí foi desmoronando tudo pra lá. Da... da manilha pra cá foi pouca gente, só saiu tudo da manilha pra lá. Aí desmoronaram tudo.

GG – Ah, o senhor já morava já bem perto da... do cano...?

JS – É.

GG - ... da manilha, lá no finalzinho...?

JS – É.

GG - ... mais chegando atrás da Albino<sup>1</sup>?

JS – É, lá pra perto, é...

GG – (Inaudível).

JS - ... justamente, porque ali ‘tava’ perigoso porque ninguém via cano, era tudo aterrado. O cano era da... daquela vala pra cá, não era? Ela era pequenininha quando veio pra cá. É da

---

<sup>1</sup> Refere-se a Rua Albino.

vala pra cá que aparecia o cano, né? Andaram até picotando o cano, dando um revestimento, consertando e tal, mas foi quando veio todo mundo pra cá.

FS – O senhor pegou alguma coisa do... da... queda... da queda não, da derrubada do... do... não, foi mais antigo, né?

GG – Foi, foi mais antigo. O senhor não chegou a conhecer os prédios que estavam dentro da... de Manguinhos, não, né?

JS – Não, esses ‘prédio’ foi ‘desmanchado’ depois que fizeram esse conjunto de madeira. Foi Lacerda que fez. Mas antes eram uns ‘prediozinho’ meio... sabe, não era igual ao ‘ex-combatente’, não. Era um prediozinho mal acabado...

GG – O senhor chegou a conhecer esses prédios?

JS – Conheci.

GG – Conheceu?

JS – Eu moro aqui há 50 ‘ano’.

GG – Ah, sim! Nessas idas e vindas...

JS – Eu moro... nessa área aqui eu moro há 50 ‘ano’.

GG – Nessas idas e vindas entre Niterói, Mangueira e o Norte, o senhor estava rodando por aqui há 50 anos?

FS – O senhor conte pra gente um pouquinho...

JS – Há 54 ‘ano’, completei agora, dia 8 de dezembro.

FS – O senhor conta pra gente um pouquinho sobre a história desses prédios, como é que foram construídos?

JS – Agora, os ‘prédio’... é um prédio mal acabado, não é um prédio construído com... com planta da Prefeitura, é não, era um prediozinho, os ‘morador’ mesmo que fazia, né?

FS – Ah, é?

JS – Depois que foi derrubado tudo formaram a vila de ‘barraco’, ‘bonitinho’, né, mas ‘tudo’ de madeira. Se pegasse fogo num aqui acabava até lá, na beira do rio, entendeu?

GG – O senhor conheceu a Escola Olavo Freire?

JS – Eu... Não, não tinha esse... não tinha lembrança dele, não.

GG – Porque a Escola Olavo Freire fazia parte desse conjunto de prédios. Os prédios, se não me engano, tinham 4 andares...

JS - Isso, mas não conheci, não. Não tinha essa... não tinha conhecimento ali, não.

GG – Não, era lá na frente (Inaudível).

JS – É lá pra perto do Albino do...do...?

GG – Não, era em frente à (Inaudível)...

JS - ... à estrada de Manguinhos.

GG – Não, associação de seu Artur.

JS – É pra cá?

GG – Aquele pedaço onde estava a quadra de esportes.

JS – Ah, sim, ali, né?

GG – Ali tinha uma escola, Olavo Freire.

JS – Ali não conheci, não. Quando eu cheguei lá já tinha acabado.

GG – Ah, sei. O que mais a gente...?

FS – Como é que tá aqui, hoje, pra viver, a violência...?

JS – Ah, meu filho, a violência tem em todo lugar. Não é um lugar tão bom, tão bonito, Copacabana? Já morreu gente até na própria cama, né? Aqui, como o boato aqui é de violência, nós ‘veve’ ‘sossegado’ aqui porque cada um sabe da sua vida, cada um sabe do seu negócio, cada um ‘veve’ a vida que quer, e aqui ninguém se mete com ninguém, né, (Inaudível), aqui ninguém se mete com ninguém, não.

FS – Mas e a polícia não...?

JS – A polícia antigamente freqüentava mais, mas agora quase não vem, só vem aí alguma vez de dia, fecha até a rua ali, aí fica aquela feirinha à noite, e o resto tá tudo bem. Mas aqui eles não se ‘mete’ com ninguém, não... só se você for fazer alguma queixa lá. Aí ‘manda’ chamar lá, ‘dá’ um papo, coisa, “não é nada disso, ‘pá... os ‘morador’ tem que viver reunido... um com outro...” Eu acho que aí tá certo, né, que cada um ‘veve’ a sua vida, cada um ‘veve’ a vida que gosta, que quer.

FS – Aquela feirinha que o senhor comentou, é? É o quê?

JS – É uma feirinha aí, da rapaziada. (*interrupção na fita*)

### Fita 1 - Lado B

GG - ... depois que nós passamos aqui, a gente chegou pra cá, não tinha comércio nenhum, né?

JS – Não.

GG – E o senhor lembra que... como foi que a gente conseguiu tomar um café da manhã e se ajeitar no dia seguinte?

JS – Ah, o café da manhã a gente esperava o padeiro passar aí vendendo pão. A gente já ‘tava’ com o cafezinho preparado, comprava tudo na rua aí: “Olha o pão! Pão!” Ia um, chegava um, saía um, chegava outro, e por aí a gente foi. Até a água foi... até a luz foi ligada depois.

GG – É, a 1ª noite nós passamos no escuro, né?

JS – Foi, umas 4 ou 5 ‘noite’ a gente passou no escuro. Porque inauguraram a água aí, quando ligaram a água estourou tudo, antes, né? Depois começou a estourar, começou a estourar. Até participei aí de um mutirão, aí, né? ‘Trocamos’ cano, e eu arranjei até gente aí pra consertar... Aí que eu já era... aí passei a ser presidente da... vice-presidente da Associação, entendeu? Aí foi que eu fui me envolver aí com água, com esgoto, com luz. Queimava uma lâmpada eu ia... trocava, mandava... chamava a Rio Luz, trocava, foi assim que a gente começou por aqui.

GG – É, eu acho interessante é que quando... no dia seguinte o “Baixinho” é que quebrava o galho da gente porque ele tinha a tendinha lá, né, e veio...

JS – É, é, veio aqui, isso aqui.

GG – É, (Inaudível)...

JS – Coitadinho, nunca aumentou nada, né?

GG – Não.

JS – Eu tentei, mas digo: “Sabe, não quero mais, não. Já tive muito aborrecimento já do outro lado, já não ‘tô’ mais com essa bola toda pra encher (*risos*), ficar mais negociando aí, não.” Aí parei.

GG – Aí ele que nos ajudava, né, trazendo as coisas, ele e um senhor que vinha da Varginha, que era o padeiro e trazia as coisas pra vender aqui.

JS – É. Depois o José Vítor comprou aquelas duas ‘casa’ ali. Ai, ai, quem até apresentou, que autorizou ‘foi’ eu, aquelas duas ‘casa’ que é a padaria hoje, ‘foi’ eu, dando papo, dando idéia: “É assim, assim, e tal, tal, tal...” Aí foi legal.

FS – Então não tinha comércio aqui, né?

JS – Não, não.

GG – Nenhum.

JS – Não tinha comércio nenhum, não. O primeiro comércio foi a padaria dele.

GG – É. Nós já tivemos até um açougue aqui do lado, né?

JS – Teve um açougue aqui do lado também, mas não...

GG - ... não rendeu.

JS - ... não rendeu.

GG – Apesar de que tem um centro comercial que já veio com essa proposta de ser centro comercial, mas...

JS – Construíram aquela... aquelas ‘lojinha’ já, mas foi depois, aquelas ‘lojinha’, a escola Maria Siqueira...

FS – Demorou a abrir?

GG – Demorou a abrir e demorou a acontecer enquanto centro comercial, (Inaudível)...

JS – Uns 3 ‘ano’ depois, não?

GG – O comércio começou a surgir dentro.

JS – Aí o pessoal ‘foram’ armando.

GG – (Inaudível) assim, a padaria, como sr. João (Inaudível)...

JS – O pessoal ‘foram’ armando birosquinha, tal, entendeu, botando quitandazinha, coisa e tal, mas hoje tá tudo cheio, né?

GG – É, (Inaudível) tem um comércio já...

JS – Tem tanto comércio aí que eu acho que um compra o outro (*risos*).

FS – Todo mundo (Inaudível)?

GG – É, e há uma intenção de se fazer da Rua 1 uma rua só comercial, os primeiros andares só de... as frentes das casas só de comércio.

JS – Mas é aquele negócio, favelado quando vem... Isso aqui eles ‘conhece’ como favela: “Ah, a favela do... a favela do Manguinhos, Mandela 1, Mandela 2, Mandela 3, Selva de Pedra...” Arranjaram uma porção de ‘nome’ pra lá, né? Aqui sempre foi Mandela 1, favela da Mandela 1. Isso aí é Conjunto Habitacional Nelson Mandela. Sempre quando eu fazia o... as ‘fichazinha’ do pessoal aí, sempre com esse nome, né? “Ah, sr. João, isso aqui é favela mesmo! A gente já veio da favela mesmo!” E vai discutir pra quê? Será feita a vontade do morador, certo? Daí ficou.

GG – Exatamente essa preocupação que é a questão da identidade, né, tentar mudar pra que as pessoas consigam perceber que houve realmente uma mudança. Uma coisa é ela morar lá, com vala na porta, com enchente, e aqui uma outra...

JS – Agora, realmente, foi bom porque tinha outra limpeza aqui, né? Não vai comparar aqui com Manguinhos, ainda Manguinhos, né, que Manguinhos melhorou muito, né, é bem melhor aqui do que lá. Já tem gente que saiu daqui e voltou pra lá quase na mesma semana. Morou aqui, vendeu baratinho, mixaria, foi... voltou pra lá, construiu de novo lá.

GG – Foi assim que muita família conseguiu duas casas porque família pequena... família grande e casa pequena ficava difícil um cômodo só e um banheiro, aí teve família que não se interessou, (Inaudível)...

JS – É, teve casa aqui que veio com 9 ‘pessoa’! Como é que vai conseguir 9 ‘pessoa’ dentro de uma sala desse tamanho? Não tem como, né? Aí foi que eu: “pá, pá, pá...” Fui o morador... um dos ‘primeiro’ ‘morador’, dos ‘primeiro’, tal. O engenheiro se deu mal porque veio me conhecer, o dr. José Ricardo, né, veio me conhecer, e eu sou analfabeto, sou analfabeto de pai e mãe! Nunca nem participei de merenda, mas tinha diálogo, né? E eu ganhei, nesse diálogo todo eu ganhei a parada toda aí (*risos*).

GG – A gente.... a gente foi tentando convencê-lo da necessidade da gente ter um espaço maior porque as casas de esquina não poderiam construir.... aumentar, ir até a (Inaudível), era pra botar uma pracinha. Mas 9 pessoas dentro de um cômodo só e a pracinha lá fora?

JS – Que eu ‘conheço’, 9 ‘pessoa’, mas tem casa com muito mais aí, com muito mais! Não sabia falar: “Ah, a minha casa é pequena, a minha família é grande.”

FS – (Inaudível)...

JS - “Eu tenho direito de 2 ‘casa, não sei o quê...”

FS - ... azul ou verde que era enorme, alta pra caramba! Acho que ela tem 5 andares.

GG – Do lado da escola?

FS – Eu acho que é. É bem lá pra... pra... perto da... da principal, da Leopoldo.

GG – É, do lado da escola.

FS – Ela é enorme de alta! A gente não pôde fotografar, estava sem foto na... no dia.

JS – E deve ser a casa da Tonha que ele tá falando, não?

GG – É, (Inaudível).

JS – Que tem uma crechezinha? Tinha uma crechezinha antigamente?

GG – (Inaudível) Bebê? Acho que era.

FS – É.

JS – (Inaudível). Ela construiu tudo ali, invadiu um pouco?

GG – É, porque ela tomou um pedaço da escola (*risos*), (Inaudível) escola.

JS – Invadiu, (Inaudível). Ela mora lá atrás, lá atrás.

GG – Pegou um pedaço do terreno da escola.

JS – É que o mundo é dos mais ‘esperto’ (*risos*).

FS – Sr. João, como é que é aqui de lazer, desde essa época, desde a vinda de vocês pra cá?

JS – Como assim?

GG – Divertimento.

FS – De lazer, divertimento para as pessoas.

JS – Ah, divertimento aqui quase não tem!

GG – Quando o senhor veio pra cá o senhor disse que os mais novos ainda eram pequenos, né, Quequé, Fabiana...

JS – ‘Era’.

GG – E onde é que eles se divertiam?

JS – Aí mesmo, na rua, todo mundo aí. Era aí mesmo, né? Ela aí também veio pequenininha.

FS – Esse campo de futebol já tinha?

JS – Não.

GG – Aquele lá de dentro do Mandela?

JS – Não tinha, não, aquilo foi... ‘Tava’ o terreno, né, era só o terreno. Depois que o pessoal ‘foram’ ampliando. Entra candidato, sai outro, entra candidato, sai outro, cada um foi fazendo um pouquinho. Hoje tá até bonito lá, né, botaram aquelas ‘grade’, coisa e tal... É o único divertimento que tinha aqui, era esse. E aquele largo lá de baixo, que era o cruzeiro, também aquilo virou matagal.

GG – É, ‘tão’ fazendo uma obra lá, né, passei lá (Inaudível)...

JS – É, ‘tão’ fazendo uma obra lá, ‘tão’...

GG – (Inaudível)...

JS - ... tirando aquele barranco todo, tudo. Não sei o que eles vão fazer ali. Tipo uma praça, né?

GG – É.

JS – E tentaram fazer lá em baixo também, a Prefeitura, lá em baixo, onde morava a Rosa, né? Mas...

GG – Sei, seria (Inaudível)...

JS - ... ficou aquilo jogado também. Fizeram aquele campo lá. Tem um barraco lá de (Inaudível), mas um troço sem futuro aquilo ali. Só do campo pra cá que melhorou um pouco, mas pra lá não...

GG – É que quando nós viemos pra cá o lugar era tão tranqüilo que o Quequé, que é um dos filhos do sr. João, o caçula, né...

JS – É.

GG - ... o meu filho, e os garotos da rua, eles pegavam um colchonete, uma coberta, e botavam no chão, na porta de casa, e dormiam na rua.

JS – É.



GG – Assim, nesse calor, era divertimento dormir na rua. Ficavam até tarde conversando, brincando, depois jogavam um pano no chão e dormiam na rua.

JS – Até...

GG – Eles dormiam tranquilos.

JS – Era ‘tranquilo’. Depois foi que começou a dar um... um ‘esquentamentozinho’, depois maneirou. Agora começou tudo de novo, sabe? Mas, aí, de dia é assim, parece roça, né? De noite que o movimento pra lá, na rua principal que... tem mais movimento. Mas aqui é bom, aqui é legal.

GG – Aqui ficou meio chato (Inaudível), né?

JS – Ó, se você bota um monte... você bota um monte de madeira ali, ‘tauba’, caibro, coisa, tudo, aí ninguém mexe. Bota telha, bota material de obra aí, ninguém ‘panha’, entendeu? Se ‘panhar’ (Inaudível) em tal lugar, assim, assim, não, ninguém vai, não, ninguém mexe em nada aqui, não.

GG – Aqui teve um forró, aqui embaixo, dava mais briga do que divertimento (*risos*).

JS – É, e o Pedro não botava forró aí na rua? Mas depois dava muita briga, o cara ficava mijando na porta do outro, aí acabaram, passou pra aqui. Daqui ‘cabou’ também. Depois foi lá pra trás.

FS – E sobre escola de samba aqui, as pessoas (Inaudível)?

JS – Aqui não... aqui não tem isso, não.

GG – Não, aqui não tem.

FS – Não, de...

GG – É, o pessoal participa em várias outras fora daqui, mas aqui dentro não tem. Não tem nem... nem...

FS – Bom, daqui, mas o pessoal não vai lá pra... pra...?

JS – O pessoal sai daqui, vai pra outros ‘lugar’.

GG – Vai pra outras.

FS – Manguinhos?

GG – Pra outras.

JS – Vai pra o Manguinhos, o Manguinhos também tá quase acabando, né, escola de samba.

MS – Virou bloco.

JS – Vai pra o Jacaré (*risos*).

MS – Virou bloco.

GG – Pra o Jacaré. O pessoal sai daqui...

JS – Oi?

MS – Virou bloco.

JS – É. Manguinhos, Manguinhos é ‘broco’! Jacaré, não vai demorar muito, vai ser ‘broco’ também (*risos*). Era até o Tingo que era compositor dali, né?

GG – Tingo?

JS – Tingo.

GG – É, eu conheço. Algumas pessoas chamam ele de Carvalhais, que é o sobrenome dele ali, conheço desde criança.

JS – É. A casa que eu comprei foi dele, deles.

GG – Ah, foi?

JS – Foi. ‘Morava’ o pai dele e a mãe.

GG – É, mas eles moravam lá na frente.

JS – Ele, o Tingo, morava na frente, mas negociei com ele, né?

GG – Ah, sei.

JS – Aí não sei se ele arranjou outro lugar pra o pai, pra mãe dele. O pai morreu, pouco tempo, morreu.

FS – Bom vamos ver aquelas... aqueles documentos, então.

MS – (Inaudível)...

GG – É, seria interessante.

FS – Não é?

GG – A gente tem essa foto...

MS - (Inaudível)

GG - Tira...

FS – O senhor pega pra gente...?

JS – Oi?

FS –... aqueles documentos da casa que o senhor (Inaudível)?

JS – (Inaudível).

GG – Sr. João, o senhor tem fotos antigas que...?

JS – ‘Minha’?

GG – É, sua, aqui, logo que o senhor foi pra cá...

MS – (inaudível).

JS – Eu tenho foto quando eu era... trabalhava na CEMASI.

GG – Tá bom! Serve.

FS – É, (Inaudível).

GG - Só um instante. (*pausa na gravação*)

MS – (inaudível). (*risos*)

JS – É a Fabiana que vive lavando louça na pia.

GG – Quando foi isso, já aqui?

MS – É, (Inaudível)...

JS – Já era aqui, já.

MS – É, já era aqui, lá em baixo...

GG – Fabiana? tá (Inaudível) também.

JS – Aqui outra. Óh, aqui que tem o CEMASI. Essa é a primeira daqui mesmo.

GG – A gente tinha uma foto que aparecia isso assim, CEMASI... aparecia isso de longe, tem?

JS – Eu vou ver.

GG – Isso aqui foi onde?

JS – Isso aqui foi aqui, aniversário, festa.

GG – Vamos ver se a gente encontra a foto onde a gente possa identificar o CEMASI.

FS – Essa cozinha aqui, ela foi toda... O que é que deram pra você dessa cozinha aqui? O que é que já veio, na casa, dessa cozinha?

GG – Só essa pia.

JS – (Inaudível) essa... essa daqui já ‘tava’ aqui.

FS – Só a pia?

GG – Só essa pia.

JS – Só.

FS – Só a pia que eles já deram pra... o resto o senhor montou?

JS – Tudo.

FS – Aqui em cima nada também?

JS – Não, não, aí não tinha nada, não.

GG – E essa pia desse ‘tamanhozinho’ mesmo.

FS – Caramba!

MS – E a pia...

JS – A pia é desse tamanho, (Inaudível)...

GG – É, aqui!

MS – A pia, quando passava um tempo, ela saiu o fundo, ela...

GG - Saiu o fundo, isso, a minha também saiu o fundo (*risos*).

MS – A nossa (Inaudível).

GG – Pequeninha!

MS – Lavando louça a pia caiu.

FS – Queria copiar essa... essa foto.

GG – Escanear?

FS – Não, copiar.

GG – Empresta uma pra a gente? Copiar como? Passar no *scanner*?

FS – É.

JS – Pega uma, qualquer uma dessas aí.

GG – Olha essa outra aqui. Mas depois a gente devolve.

JS – Não tem problema, não. Bom, isso aqui é registro da família, aqui não tem problema, não. Ainda peguei, peguei com tudo. Agora, aqui... aqui que eu vou mostrar o projeto. Isso aqui era a folha que eu ‘panhava’ pra desenhar.

FS – Muito bonito.

GG – Uma dessas aqui?

JS – Ó, isso aqui... Ó: Conjunto Samora Machel, isso aqui.

MS – (inaudível)...

FS – (inaudível)...

MS – Minha avó também guardava, minha tia...

GG – (Inaudível).

MS – ...jogou tudo fora.

JS – Aqui é tudo Samora Machel, esse aqui.

GG – Esse a gente não tem...

MS – (Inaudível)...

GG - ... a gente tem do Nelson Mandela. Se o senhor pudesse emprestar pra gente tirar xerox, sr. João, a gente devolveia.

FS – A Michele mora aqui, né? Depois você vai trazer isso pra o sr. João, né?

GG – Que essa planta do Samora a gente não tem, não, só tem a do Nelson Mandela. Ih, aqui tem duas, sr. João!

JS – Não, é uma... ‘é’ duas, é uma Samora, e outra do Mandela.

GG – Não, aqui só tá como Samora.

MS – Não, tem duas do Samora.

FS – Tem duas Samora, são iguais?

GG – Não, não, eu ‘tô’ dizendo pra ele que ele tem duas plantas do Samora Machel.

JS – Aqui.

GG -Tá faltando uma do Nelson Mandela. Não, é tudo Samora Machel.

JS – Ué?

GG – É, tá faltando do Nelson Mandela. Mas Nelson Mandela nós temos. Nós já tiramos xerox, pegamos da Zuleica.

JS – É, mas eu tinha... eu tinha duas! Ué!

GG – Do Samora Machel a Zuleica nos emprestou.

JS – Será que eu emprestei a alguém pra... pra...?

GG – è interessante até pra estar comparando.

MS – Melhor, né, essa (Inaudível)...

FS – São iguais mesmo?

GG – Não.

JS – Não, são ‘diferente’.

FS – Ah, então vamos levar.

GG – Por isso é que é interessante ter as duas porque do... do Nelson Mandela já tem lá, o... o Renato já tem arquivado. Agora, dessa aqui a gente não tinha, não. A gente ainda nem chegou a entrevistar alguém do Samora Machel (Inaudível)...

JS – Eu acho que eu emprestei a alguém, alguém não me devolveu.

GG – É possível.

JS – Que essa daqui é o mesmo que tá de lá, só pode fazer até a 2ª... a 1ª laje, a mesma coisa.

GG – E lá também já alteraram pra caramba, *trocaram* (Inaudível)...

JS – Ah, lá é diferente.

MS – Ah tem? (Inaudível)?

GG – Samora tem, a rua principal então é a que mais tem, Samora Machel.

JS – Quem que emprestei, meu Deus? Eu emprestei a alguém, né?

GG – É, (Inaudível).

JS – Arrrrr.

GG – Deixa eu ver se essa cópia tá melhor do que essa, que aquela ali tá bem apagadinha.

LS – ‘Pera’ aí, essa daqui...

GG - ... Samora Machel.

JS – Meu Deus do céu! Acho que eu emprestei à alguém.

GG – Ela tá do mesmo jeito, aqui, esse apagadinho também, é tudo xerox.

JS – É. Aliás, só vem... só veio xerox mesmo. Eu ‘tava’ confundindo por causa disso daqui, ó, (Inaudível) da fundação, ó. Por cima da laje não acontece nada, furou a laje, acontece isso aqui, ó, ela cega, ela racha.

GG – E isso aconteceu aqui em algumas casas, né, (Inaudível)...

JS – Aconteceu...

GG - ... a Rua (Inaudível)...

JS - ... tanto aqui como do outro lado, aconteceu. Conforme o que eu expliquei, aconteceu.

GG – É. O chão cedeu...

JS – O quê que é... Machel...

FS – (inaudível).

GG – Mas não se preocupa, não...

FS – *(falam ao mesmo tempo)*.

GG - ... sr. João, a gente já tem dessa aí.

FS – Vamos ver as outras fotos.

JS – Não, eu ‘tô’ preocupado porque eu tenho elas! Isso aqui é papelzinho...

GG - ... em branco.

JS - ... em branco. Vai levar essa aí?

GG – É, mas a gente devolve. Deixe eu guardar (Inaudível).

FS – (Inaudível).

JS – Essa aí... essa aí é do... essa aí é do Mandela 2, né?

FS – (Inaudível).

GG – É.

JS – Aqui não... aqui não tem que aqui é registro.

MS – (Inaudível).

GG – É, na caixinha que deve ter foto.

FS – São registros da família do senhor, data... é... certidão de nascimento, ficha de inscrição e batismo... O que mais?

JS – Isso aqui é o 1º... registro do 1º filho meu, já é falecido.

FS – 59?

JS – É.



MS – O senhor tem quantos filhos? Sr. João...

JS – Hum?

MS – ... o senhor tem quantos filhos?

JS – Quantos? Onze, cinco da primeira e seis da segunda. Eu gosto de matar a cobra e mostrar o resto das ‘coisa’, né? (*risos*)

FS – E aqui?

JS – Aqui ‘é’ as ‘foto’...

FS – São fotos da família?

JS - ... da família.

FS – São as fotos de chegada aqui?

GG – O senhor conheceu a Igreja de São Daniel quando ela estava inteirinha, sr. João?

JS – Conheci.

GG – O senhor tem fotos de lá?

JS – Não, não tenho, não. Olha aí, isso aqui foi tirado no Jardim Botânico, ó aí. Isso aí quando eu era... Eu não era tão inchado assim, não (*risos*). Eu era gordo, mas não tanto assim, né? Aqui é tudo foto de festinha, de Natal... da família, né?

FS – Tudo aqui, né?

JS – É, tudo, ‘é’ eu, minha esposa, eu...

GG – Isso aqui é longe daqui...

FS – Aqui a...

JS – Aqui é a neta, tá em Portugal.

FS – (Inaudível).

GG – Isso aqui é aqui na rua.

FS – É.

JS – É.

GG – Posso dar uma olhadinha nessa foto?

JS – Pode.

GG – É aqui na rua. O senhor está sentado ali na calçada.

JS – É.

GG – Aqui. Deixe eu ver se é essa (Inaudível).

FS – É onde nós estávamos, ali.

GG – É. (Inaudível).

JS – Essa aqui nem lembro donde é que é, acho que era daqui mesmo.

GG – Tem uma foto lá da... da... do terreno que é uma terraplanagem.

FS – É uma pena terem saído esse (Inaudível) aqui.

GG – Tem como escanear a foto? Ah, então vou pegar a foto que tem lá agora, me lembra, vou te dar porque a Consuelo tá pra fazer isso a um tempão e eu não consegui.

JS – Aqui foi a festa de aniversário de 15 ‘ano’ da Fabiana. Aqui é a família toda, ó: filho da primeira mulher, filho da segunda, e eu ‘tô’... o palhaço tá no meio (risos). Aqui é festa da minha neta, isso foi lá na casa do outro avô. Quequé. A mãe dele aqui. Tá presa ela, né?

GG – É, eu soube. a Patrícia.

JS – Aqui é a Patrícia. Ela foi a... Ela fez o bolo de aniversário dela.

MS – Fabiana.

JS – É, Fabiana.

GG – Quequé.

JS – Essa velhinha ficou tão chata... é.. ela trabalhou muitos anos com a minha mulher. A (Inaudível), Quequé, eu... Ainda ‘tô’ de gaiato aí, na parada aí. Eu guardo tudo de lembrança porque isso eu gastava muito antigamente, né? Hoje não tem valor. Agora tá tendo, né?

GG – (Inaudível) essa foto é mais recente.

FS – Mas é interessante por causa da ENSP aqui atrás.

GG – Quer escanear?

FS – É, mas isso...

GG – Isso aqui deve ter sido o dedo, né?

FS – Pois é, com certeza! Ah, essas são as mais antigas, né?

JS – Aqui é lá no Manguinhos, do casa... do noivado do Quequé.

GG – Essas estão soltas.

JS – Aqui é a Raiane. Eu sou padrinho dela.

GG – É muito linda! A Patrícia mudou daí, né?

JS – Tá lá na... na... Sepetiba. ‘Tão’ ‘tudo’ ‘grandão’. Ninguém dizia que essa mulher ia morrer tão rápido, né, minha companheira. Hoje morreu o seu Hermano. É, do CEMASI não tem nenhum.

GG – Lá do... do tempo do Elói, aquele pessoal?

JS – Não tem, não. Aqui é... aqui era a casa do colega, Calisto.

GG – Ah, sim. Tá mais velho do que hoje.

JS – (Inaudível), que ele ‘tava’ (Inaudível) antigamente.

GG – Ah, ele tá mais velho aí do que hoje.

JS – E hoje, amigos, ‘cabou’.

GG – É, mas ajudou bastante, sr. João.

FS – Sr. João, obrigado pela entrevista. Tem mais foto aí?

JS – Não.

FS – Nós vamos copiar essas fotos, tudo o mais, e a Michele traz pra o senhor, tá bom?

JS – Tem aquela da falecida.

GG – (inaudível).

FS – Obrigado, sr. João.

JS – De nada, tudo bem. (*interrupção da fita*)

\* A Fita 01 não foi gravada integralmente (aproximadamente 55 minutos).